

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, e demais autarcas.

Caras Teresa, Cristina, Maria e Maria Inês e demais familiares do Victor.

Camaradas militares de Abril, nomeadamente do Núcleo da A25A em Oeiras.

Amigas e amigos, companheiros de Abril.

Começo por agradecer aos responsáveis deste acto de preservação da memória a sua iniciativa.

Oeiras está ligado indelevelmente ao 25 de Abril, não pela acção concreta da libertação na madrugada libertadora, mas porque alguns dos principais intervenientes da mesma aqui residiam e aqui conspiraram em inúmeras reuniões clandestinas.

Desde logo dois dos três membros da Direcção do Movimento dos Capitães – precisamente o Victor Alves, que hoje aqui homenageamos, e o Otelo que viria a ser o comandante operacional da operação militar que derrubou a ditadura e abriu as portas à Liberdade e à Democracia e é, não hesito em afirmá-lo, a melhor e mais conseguida das operações militares que alguma vez as Forças Armadas Portuguesas realizaram.

Fosse em suas casas, fosse na casa do Hugo dos Santos e outras, muitas reuniões aqui fizemos.

Pessoalmente, como o terceiro elemento da Direcção do Movimento, já não pude participar, também aqui em Oeiras, na reunião em casa do Candeias Valente, que viria a ser a última reunião que a Comissão Coordenadora fez na conspiração clandestina. Tinha sido “chutado” para os Açores e é precisamente nessa reunião que sou substituído nas minhas responsabilidades operacionais pelo Otelo.

E, por muito bem que tenha corrido com o Otelo, como correu, eu não consigo perdoar aos fascistas o terem-me impedido de aqui estar, no centro do furacão, nessa madrugada histórica...

Oeiras tem-no reconhecido, os seus responsáveis autarcas têm-no assumido e são várias as iniciativas concretas que o testemunham, desde várias placas aqui existentes ao agraciamento da A25A e de alguns militares de Abril com a medalha de Mérito do concelho.

Onde não podia faltar o nosso homenageado de hoje, o Victor Alves, justamente agraciado, ainda em vida, com a medalha de ouro.

Mas não só, deixem-me salientar o presente, aqui os militares de Abril, através do Núcleo da A25A (ainda não oficializado) vêm desenvolvendo inúmeras e profícuas iniciativas cívicas. Já estenderam a sua acção ao vizinho concelho de Cascais e o seu exemplo é bem merecedor de ser realçado. Parabéns!

Mas, é justo realçar também, não foram apenas os militares de Abril que aqui continuaram e continuam a obra do Victor Alves. Muitas mulheres e homens de Abril – onde me permito destacar a Teresa Alves – não desistem de lutar, de tentar contribuir para a consumação dos valores de Abril, dos ideais que há mais de 42 anos nos levaram à epopeia colectiva que foi o

25 de Abril. Por isso criaram e vêm fazendo viver uma Rede de Cidadania, para que Abril seja presente e futuro.

Parabéns! Força! Como sabem, podem contar com o apoio, com o envolvimento da A25A!

Mas, a mim incumbiram-me de falar no Victor Alves, no que ele fez, no que representou e representa, no que justifica a acção que hoje aqui se pratica.

Não vou falar do Homem e do Militar antes do 25 de Abril. Para mim, a história do Victor Alves começa no dia em que o conheci, fins de Setembro de 1973, numa reunião em casa do Mário Mendonça Frazão. Precisamente, neste concelho de Oeiras, bem perto da casa do Victor e onde ainda reside a Teresa.

Foi a partir daí que fui conhecendo e ganhando admiração e amizade com o oficial do Estado Maior que, contra todas as regras e o que seria de esperar – onde a qualidade do sogro, almirante da nossa Armada e Chefe de Estado Maior da mesma, levaria a riscá-lo dos possíveis revolucionários – se envolveu, empenhou e transformou num dos nossos melhores, num dos principais capitães de Abril (sim eu sei que ele era major, mas todos eles tinham orgulho em ser *capitães de Abril*).

O Victor Alves soube integrar-se e, usando de todo o seu valor e experiência, colaborar na obra colectiva de que ele muito se orgulhava e de que nós, os seus companheiros de aventura que ainda não partiram, nos continuamos a orgulhar.

Em 1 de Dezembro, na reunião em Óbidos, seria escolhido para a Comissão Coordenadora do Movimento dos Capitães e, na primeira reunião da mesma em 5 de Dezembro, na Costa da Caparica, numa casa obtida por ele junto do seu amigo Ribeiro da Silva (que também já partiu) o Victor Alves seria escolhido, juntamente comigo e o Otelo, para constituir a Direcção do Movimento.

Ao Victor estaria reservada a função de coordenar as ligações com os camaradas da Marinha e da Força Aérea. Missão que cumpriu com eficácia, sendo que, após a minha transferência para os Açores e o fracasso do 16 de Março, o Victor Alves assumiu a “pasta” dos assuntos políticos (programa do MFA, etc...) enquanto o Otelo me substituiu na “pasta” dos assuntos operacionais. E o facto é que ao Victor se deve, em primeiro lugar, o mérito de ter coordenado a discussão do nosso Programa com os camaradas da Marinha (que tiveram uma importante influência) e da Força Aérea. Sendo que o rascunho inicial é da autoria do Melo Antunes, é um facto que ao Victor se deve, em primeiro lugar (após a partida do Ernesto para os Açores, onde foi por mim “recebido”), o mérito da aprovação do Programa.

Porque falei no 16 de Março de 1974, lembro que o Victor Alves, vendo a desorganização e o presumível fracasso dessa acção, com as consequências que daí poderiam advir, tentou dissuadir o Otelo de se envolver nessa aventura. Que poderia ter deitado tudo a perder, mas – e aí ter-se-á verificado um dos primeiros “milagres” que nos aconteceram – com a não prisão do Otelo, até acabou por permitir a este nosso companheiro tirar algumas ilações úteis para a acção decisiva...

O Victor costumava dizer, ao comparar o nosso processo com outros, que nós não tivemos um leader, mas que tivemos a sorte e a arte de constituir um núcleo duro, dirigente, que soube somar as características e as valências de cada um, congregando o melhor de todos e resultando numa capacidade extraordinária, de condução de um processo de libertação que, pela sua especificidade, é único na História Universal. Como lhe ouvi muitas vezes ao analisar esse pormenor, “até o grau de loucura do Otelo foi fundamental!”

Pessoalmente, como um desses elementos do colectivo, que tenho imensa honra em ter integrado, sinto-me em condições e com autoridade para afirmar que o papel do Victor Alves foi, de facto, de muito elevada importância para o resultado final.

Como cada um de nós, o Victor possuía características próprias, que isoladas já seriam muito boas, mas que conjugadas com as dos outros permitiram uma acção de conjunto extraordinária.

O Victor era o nosso diplomata, por excelência. A sua sensatez, a sua experiência de vida, o seu gosto pelo consensual, transformaram-no num autêntico fazedor de pontes entre sensibilidades diferentes que, noutras circunstâncias, teriam dificuldade em entender-se.

Mas, importa frisá-lo, fez tudo isso sem nunca renegar valores e princípios. Com barreiras inultrapassáveis, onde a Liberdade e a Democracia, tal como os Direitos Humanos, ocupavam lugar cimeiro.

Depois do 25 de Abril, o Victor foi um dos que esteve em todas: Comissão Coordenadora do Programa do MFA, Conselho de Estado, alguns dos Governos Provisórios, Conselho dos Vinte, Conselho da Revolução, Grupo dos Nove,

Embora a sua acção como militar de Abril seja a que mais sobressai, a que mais o faz recordar, gostaria de salientar a sua extraordinária acção como Ministro da Educação – ainda hoje ouço, de vez em quando, afirmar que “o Victor Alves foi o melhor Ministro da Educação que tivemos depois do 25 de Abril”. Aí, o Victor, sem formação específica para o efeito, mas munido das suas enormes capacidades pessoais, e da sua grande preocupação pelos jovens e pelo futuro dos mesmos, conseguiu abrir as portas e criar condições para que as novas gerações pudessem exercer em pleno uma cidadania activa.

Porque estamos perto de um outro 25, o de Novembro de 1975, também importante na acção do Victor Alves, gostaria de salientar que se nesse dia se conseguiu parar o aventureirismo esquerdista e as ambições de um socialismo científico, conseguiu-se igualmente parar a tentativa da extrema-direita, de regressar ao 24 de Abril e a da direita, da implantação de uma democracia musculada.

E, nessa acção, Victor Alves, como muitos outros militares de Abril, também esteve na primeira linha.

Lamentavelmente, tal como a generalidade dos militares de Abril, o Victor Alves não foi aproveitado positivamente pelos sucessivos poderes que o 25 de Abril gerou.

Agora Victor, falo-te directamente:

Tal como o Padre António Vieira afirmou e escreveu, tu fizeste o teu dever de cidadão, a Pátria, ao desprezar-te, fez o que costuma fazer.

Mas essa ingratidão não nos "dá juízo" e por isso teimamos: tal como tu insististes e fundastes a Civitas, lugar de eleição na defesa dos Direitos Humanos, nós não desistimos e continuamos a luta. Por isso, daqui te peço, manda-nos algum do teu saber, da tua força, para continuarmos no grupo.

Queria dizer-te mais tanta coisa. Lembrar as tuas acções, a começar na tua apetência por levares aos portugueses da diáspora a "boa nova" que florira em Portugal, no mês de Abril. Lembras-te que foste o primeiro de nós a ir ao Brasil, precisamente para isso? E depois, como te dava prazer continuar esse permanente contacto com os portugueses que, por uma ou outra razão, não viviam no nosso território! Tens que concordar que isso, as permanentes viagens, não constituía qualquer sacrifício para ti! Sempre gostaste imenso de o fazer...

Sim, gostava de dizer-te muita coisa, mas resumo tudo em reafirmar-te que continuo a recordar-te como um Grande AMIGO e COMPANHEIRO.

Até sempre, um grande, grande abraço.

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras

Permita-me renovar o nosso agradecimento, por esta iniciativa, mas permita-me também a ousadia de uma provocação: Lembrar e perpetuar o nome de Victor Alves, para além de recordar os inúmeros e valiosos serviços que ele prestou ao nosso País é também recordar o 25 de Abril e o seu significado para Portugal e o Mundo.

Para que isso fique, não diria completo mas sim bastante melhorado - e aqui vai a provocação – será desejável que um dia a Rotunda Victor Alves seja dotada com um busto e uma placa a explicar quem foi este Capitão de Abril.

A todos, um grande bem hajam e um grande abraço.

A vós, minhas queridas Teresa, Cristina, Maria e Maria Inês um beijinho muito amigo.

Oeiras, 5 de Outubro de 2016

Vasco Lourenço